APPARECE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

NA BARRICADA

Jornal de combate e de critica social

«QUEM VAE A UMA BARRICADA PRECIZA LEVAR, ALÉM DE UMA ESPINGARDA NA MÃO, UMA IDEIA NO CEREBRO»

ANNO I — NUMERO 16

Redacção e administração — Rua do Rosario Nº 170

Director: Orlando Corrêa Lopes

Brazil — Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1915

Assignaturas

Brazil — anno. . . 5$000 — Exterior — anno. . . 7$000

Numero avulso 100 rs. — Numero atrazado 200 rs.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Collaboração

São collaboradores effectivos de "Na Barricada": **Lopes Trovão, Fabio Luz, Pedro do Coutto, Coelho Lisbôa, José Oiticica, Carlos de Vasconcellos, Campos de Medeiros, Sampaio Ferraz, Hermes Fontes, Domingos Ribeiro Filho, Theodoro de Magalhães, Reis Carvalho, Mauricio de Lacerda, Sarandy Raposo, Silva Marques, etc.**

NA BARRICADA

Já não querem mais o marechal Hermes no senado!

Eleito por um «compromisso de honra» e reconhecido em satisfação á «ultima vontade» do extincto chefe do P. R. C., os mesmos malfeitores, a quem deu a mão e com os quaes viveu conluiado durante quatro annos para saquear a nação, o repelem agora do seu seio. Hontem, era o marechal um impolluto cidadão, cheio de serviços á patria e á republica, caracter integro, mãos limpas, leal, sincero, abnegado; hoje, é um typo repelente, um leproso, cujo contacto não póde ser supportado!

E tudo isso se fez e se faz em nome da soberania do povo!

Como é bello o regimen republicano!

Mas, não é tudo. Quando os representantes directos do povo se rebelam contra um dos seus pares, eleito pelos mesmos processos que elles foram, movimenta-se o exercito para garantir o repudiado, na posse da cadeira que o povo lhe deu, em nome do brio da classe militar! Estupendo!

E quem são os militares que assim assumem a defesa do eleitorado? Alguns, os mesmos que se oppuzeram ao governo desse repudiado, os mesmos que combateram o P. R. C. e que agora querem fazer do marechal a bandeira de um novo partido.

Como é engraçado tudo isso!

Imagine, agora, o povo o que se daria se a classe militar pudesse galvanisar esse cadaver marechalicio! Que aconteceria?

O marechal Hermes voltaria a ser novamente o idolo do exercito, o amigo da classe, «o homem de virtudes não communs», o saneador da politica nacional, o salvador da republica! E, em dado momento, apoiado no exercito e na marinha, porque «nunca estiveram tão unidas essas duas corporações», faria ao dr. Wenceslau Braz o que fez ao dr. Affonso Penna, produzindo, talvez, um traumatismo moral ao actual presidente.

Como é elastica a disciplina militar!

Quando o marechal Hermes atirou com a pasta da guerra para se fazer candidat á presidencia da republica, recebeu do exercito a mais espalhafatosa manifestação que se fez entre nós, enchendo-se a sua casa, a mesma que mais tarde teve a chave de ouro, de officiaes de todas as patentes, desde o alferes até ao marechal, que se acotovelavam no mesmo plano de egualdade, todos avidos de manifestar ao «querido companheiro de armas» o seu affecto, o seu mais decidido e incondicional apoio. Nessa occasião discutiu-se a legitimidade dessa manifestação collectiva. Nenhum preceito disciplinar, se disse, a poderia impedir, pois se tratava de todo o exercito que ia significar o apreço em que tinha o seu chefe, no dia de seu anniversario natalicio.

Agora, a theoria em voga é outra. O marechal Hermes é o mesmo chefe do exercito, mas ja não póde receber manifestações collectivas dos seus companheiros de armas.

Eis a declaração mandada publicar pelo snr. ministro da guerra:

«O ministro da guerra, em aviso de hoje, chamará a attenção dos officiaes do exercito para as disposições do regulamento disciplinar, que prohibem as manifestações collectivas, bem como para a circular de 1º de janeiro deste anno, que concita os officiaes a não se envolverem ou se deixarem envolver em questões politicas».

A reunião que motivou este aviso do ministro da guerra foi convocada pelo snr. marechal Siqueira de Menezes, a quem tal aviso não póde attingir, visto como s. s., na qualidade de senador, perde o seu caracter de official do exercito.

Mas, se assim é, como justificar as manifestações do exercito ao senador Hermes da Fonseca como um protesto ao enxovalho da farda?

Como tudo isso é engraçado!

Orlando Corrêa Lopes

Terceira carta ao dr. Silva Marques

Caro confrade.

Prometti-lhe demonstrar que o socialismo é radicalmente opposto ao anarchismo, embora ambos affirmem um ideal commum e muitos anarchistas se digam *socialistas* em opposição aos *individualistas*.

A verdade, porém, é que os primeiros constituem um grupo obsolutamente contrario ao *socialismo*, o que salta aos olhos de quem lê os jornaes anarchistas de qualquer parte.

Os chamados *anarchistas individualistas* á Stirne são, no fundo, ferozes burguezes que, se podessem reunir-se em sociedade, arranjariam uma systema de ultra-capitalismo inclemente e catrastrophico. Não insistamos nelle.

O *socialismo* e o *anarchismo* erigem-se actualmente em grupos distinctos de ideal e propaganda reconheciveis pelo seguinte indicio: o *socialismo* é um partido politico, elege deputados, crê nas eleições e no Estado e é tolerado pelas leis, pela policia, pela burguezia; o *anarchismo* condemna a reprezentação politica, não crê no Estado, não admite leis garantidas pela força, detesta e é detestado pala policia, não é tolerado em parte alguma pela burguezia.

Porque isso? Porque os seus principios differem *in totum* dos principios socialistas. Os anarchistas compreenderam, por lhes haver mostrado a experiencia, que os taes socialistas são no fundo burguezes da peior especie, ou candidatos ás reviravoltas faceis para o capitalismo archista, mal a fortuna lhes acene com um bom logar no classico banquete.

Dividem-se os socialistas em dois grandes partidos: os socialistas *de Estado* e os socialistas *collectivistas*.

Os primeiros admittem o Estado moderno, engrandecem-no, querem á nacionalização de todos os serviços para evitar o monopolio e a concorrencia. Caracteriza-se pelo seguinte: *a)* admitte a propriedade particular; *b)* admitte a autoridade do Estado, com todo o apparelho governamental de coacção e repressão; *c)* não quer a concorrencia.

Liebknecht chamou a esse socialismo o *capitalismo do Estado*. E' evidente que a suppressão da concorrencia e do monopolio particular se faria a custa de um *monopolio atadual*, tendo o monopolizador o direito de impor, fiscalizar e defender o seu monopolio. E, como o Estado são os individuos que o reprezentam, o monopolizador seriam esses individuos, esse *trust*.

Nada ha mais contrario ao fim declarado do socialismo que é *libertar o trabalhador do capitalista*.

Contra esse socialismo, meu amigo, revolta-se o seu espirito e revolta-se o meu, como se revoltam os de todos os anarchistas.

O socialismo collectivista caracteriza-se pelo seguinte: *a)* admitte a propriedade particular na medida do trabalho; *b)* admitte a concorrrencia, regulando a offerta e a procura por um systema variavel de augmento ou diminuição das taxas de salario ou do numero de horas; *c)* admitte o Estado com as leis, as remunerações, a reprezentação parlamentar e administrativa.

Dentro dessas bases varios systemas têm apparecido no intuito de preorganizarem o futuro Estado socialista.

E' intuitivo, parece-me, que tudo degeneraria no mesmo regimen actual porque a causa primordial dos males de hoje—a *propriedade accumulavel*—se mantem com o seu cortejo de leis e garantias.

O anarchismo se caracteriza pelo seguinte: *a)* abolição da *autoridade social* garantida pelas *leis* e pela *força publica*; *b)* abolição da *propriedade particular*, mantendo-se apenas o *usufructo* dos bens collectivos *na medida das necessidades*; *c)* abolição, por conseguinte, da concorrencia economica e do monopolio, do salario e do commercio, permanecendo apenas as trocas collectivas segundo as *necessidades* de cada grupo; *d)* direito de todos á alimentação, á saúde, á instrucção, á arte, aos prazeres; *e)* obrigação voluntaria ao trabalho regulado pelo accordo mutuo.

Como vê, meu amigo, o anarchismo diverge radicalmente do socialismo nos seus principios capitaes.

Nos corolarios praticos essa divergencia tende a multiplicar-se.

Querer portanto confundir o anarchismo com o socialismo e logo com o socialismo de Estado é cair em grave equivoco.

O anarchismo, tal qual o systematizei e que não differe em nada do anarchismo de todos nós, sinão no alargamento da doutrina e na descriminação scientifica por mim dada á organização social, ainda muito vaga e nada scientifica nos escriptores anarchistas, mormente na parte da moral, esse anarchismo é o systema unico em que o homem se póde desenvolver integralmente e attingir ao maximo de felicidade na terra.

Partindo das doutrinas da *energetica* onde aprendemos a conhecer o mundo, valendo-me das doutrinas biologicas onde aprendemos a conhecer o homem, sua condição, seus fins, seu *modo de ser*, pude deduzir as leis geraes da *agremiação* para *exploração* da natureza em proveito do homem. Essa exploração exige, como qualidade maxima *evitar o desperdicio*, tal qual vemos nas machinas, e augmentar o *rendimento*. Esse rendimento se define por *felicidade humana*. A felicidade humana é o desenvolvimento integral do *organismo*, da *intelligencia*, do *sentimento*, das *aptidões*, da *sociabilidade para o gozo*.

Isso só se póde dar numa sociedade onde o homem não considere o outro homem um *concorrente*, um inimigo, um possivel contendor, portanto numa sociedade onde a propriedade accumulavel, representavel por titulos, não exista, onde cada qual *produza segundo as suas forças e receba segundo as suas necessidades*.

Duvido que o meu amigo encontre nos codigos moraes de todas as epocas, nos sermões dos maiores redemptores, uma formula tão admiravel, tão profunda e tão humana.

O *amai-vos uns aos outros*. O *não façass a outrem o que não queres que te façam*, e outros lemas reformistas estão longe, muito longe do preceito anarchista. Porque, meu amigo, por *forças* entende se ali *energia* humana, isto é, o *physico*, a *intelligencia*, o *sentimento*, as *aptidões*, a *sociabilidade*.

Ora essa formula é, no fundo, uma formula egoista, porque todo anarchista sabe perfeitamente que a cooperação de todos para a felicidade commum augmenta a felicidade de cada qual.

O nosso *viribus unitis* obedece ao principio mechanico das resultantes de forças compostas onde ha um ganho total e uma poupança das componentes.

Reconhecendo o socialismo a propriedade, a concorrencia, a auctoridade organizada em corpo legislativo e administrativo, adopta principios inacceitaveis pelos anarchistas, que os anarchistas combatem insistentemente, mesmo quando vêm sob a forma enganadora das chamadas *cooperativas*, conforme o systema de Merlino.

Aqui fico, meu caro confrade, prompto a continuar esta correspondencia deleitosa e proveitosa para mim, si V. achar que estas cartas, escriptas assim *à la diable*, tem para V. interesse ou proveito.

Seu sempre

JOSE' OITICICA

GUERRA E EMANCIPAÇÃO

O atavismo da disciplina e do autoritarismo dos governos é digno de um ataque formidavel, de uma guerra sem quartel até destruir os seus ultimos vestigios; mas se os latinos não estão affectados tão intensamente por estas pestes que se oppõem a toda tentativa de libertação, é preciso tambem reconhecer que são povos extremamente debilitados pela miseria, corrompidos pelo vicio e bestialisados pela ignorancia e as superstições.

* * *

A cultura das nações autocraticas, como, por exemplo, a da Allemanha, onde o Principe, de Machiavel e Zarathrusta, de Nietsch embargaram o sentimento e a mentalidade dos teutões, encerra-se no circulo heraldico da literatura realista; porém, a cultura entre as nações democraticas circumscreve-se á orbita do mercantilismo puramente burguez, e, longe de desprezar o militarismo, procura, ao contrario, desenvolvel-o e impedir unicamente a sua supremacia na sociedade, que deve permanecer exclusivamente sob a férula dos traficantes, que constituem hoje o ironicamente chamado poder civil.

No regimen da aristocracia governa a força bruta, a disciplina, o rigorismo, destruindo as naturaes leis do progresso e da evolução humana. No regimen democratico governa a violencia, o sophisma, a demagogia e o mercantilismo, corrompendo e escravizando com manha, cynismo e hypocrisia, e com o mercantilismo e a concurrencia, as classes proletarias.

Para conhecermos de quanto é capáz a democracia mercantilista basta examinar o imperialismo que os Estados Unidos exercem sobre as outras republicas da America, com a sua decantada doutrina de Monróe.

Se quereis insultar um *Yankee* dizei-lhe que elle não é melhor do que o americano do sul. E note-se que a grande republica norte americana é o paiz onde primeiro se iniciaram os movimentos de caracter revolucionario e social.

A arrogante attitude da Allemanha é o resultado da sua vitalidade e da sua força; o seu autoritarismo, a disciplina dos seus filhos, é tambem, em parte, o resultado dessa mesma força.

Notemos, principalmente, que os germanos são guiados por um ideal, e não ha de ser esmagando-os que elles mudarão de pensar, e muito menos no caso presente, em que, no terreno das armas, se cobriram de prestigio e de gloria, demonstrando a sua superioridade sobre todas as nações da Europa.

Além disso, não é certo que, em geral, o povo allemão esteja totalmente de accordo com as instituições burocraticas do seu paiz. Os numerosos syndicatos de trabalhadores, e os individuos filiados ao partido socialista evidenciam o descontentamento popular. Ali tambem ha numerosos revolucionarios; se bem que os caudilhos do socialismo legalitario difficultem a sua obra entre as classes operarias, não deixam de lutar para orientarem os trabalhadores pelo caminho da acção insurreccional. E, caso curioso: dentre os paizes em guerra, somente dos austriacos e allemães têm explodido protestos e manifestações subversivas contra a guerra.

E' certo que na Inglaterra, e especialmente na França, desenvolve-se uma forte corrente antimilitarista, mas, em ultimo caso, a maior parte dos antimilitaristas aceitam o militarismo como uma necessidade de salvação publica, de defeza de liberdades e civilisações illusorias. Este principio obedece á moderna theoria em que se assenta a razão do Estado. Todos os theoricos da sociedade estatista pregam que o Estado é mao, mas elle impõe-se como uma *necessidade*.

Os antimilitaristas, aceitando, mesmo transitoriamente, o militarismo, admittem com elle o Estado com todas as suas instituições: clero, jurisprudencia, magistratura, etc.

Não é isto verdadeiramente paradoxal? Sem duvida. Mas, então, que fazer?

A resposta é clara: activar a propaganda anti-religiosa, anti-capitalista e anti governamental; dar maior intensidade e extensão á propaganda anarchista, destruindo principalmente o sophisma socialista legalitario. O partido socialista contribuiu com a sua força e doutrina para manter o prestigio dos Estados, a dirigir o movimento operario de forma a servir de apoio ás instituições burguezas, descartando as ideias e a acção pratica do revolucionarismo, que realizam com firmeza a emancipação dos trabalhadores.

De traidores do movimento operario chamariamos os componentes desse partido, se realmente não fossem, desde ha muito tempo, uma columna do regimen capitalista, compartilhando com os reaccionarios, nos parlamentos, do despotismo e do roubo organizados pelo Estado.

Elles são tambem burguezes, parasitas, que se locupletam com os orçamentos governamentaes.

No caso que estes corypheus houvessem tido um pouco de sinceridade e, emvez de estarem em cambio com os ministros da classe privilegiada, tivessem vindo á praça publica fazer a critica da «sociedade» presente, explicando aos trabalhadores as idéas de revolta e de renovação social, outro gallo cantaria.

Finalmente, um dos erros fundamentaes que levaram os trabalhadores ao momentaneo fracasso da sua acção tendente a evitar a guerra, foi a falta de educação do proletariado militante nos syndicatos de resistencia.

Em homenagem a uma tolerancia, que é um elemento de oppressão, fugiu-se sempre do ataque aos prejuizos e atavismos de ordem social, intellectual, sentimental e moral.

A propaganda ideologica, que deveria ter sido feita nos syndicatos e pelos syndicatos aos trabalhadores em geral, foi relegada, prohibida mesmo, deixando os proletarios como estavam: ignorantes de todos os principios de emancipação e dispostos a obedecerem mais facilmente aos predicados da patria, da religião, da lei e da autoridade, do que aos ideaes de reivindicação social, e mesmo aos seus interesses economicos immediatos.

Os atavismos latentes entre as classes populares, ou os sophismas espalhados para enganar os ingenuos, não devem ser motivo para desanimos ou claudicações.

Muito se tem desbravado, muitas idéas de liberdade, de egualdade e de fraternidades se levaram ao conhecimento dos povos, os quaes só esperam momentos favoraveis para se manifestarem, momentos de protesto e de revolta, como a revolução de julho em Barcelona, a semana rubra em Buenos Ayres, a ultima semana de rebelião na Italia, que a burguezia é impotente para evitar.

E' preciso, portanto, que os idealistas libertarios realizem uma luta épica de propaganda e de acção, capáz de assombrar o mundo; é preciso que os trabalhadores se convençam, de uma vez para sempre, que a sua emancipação deve ser obra propria, e não de meia duzia de demagogos ou intellectuaes; devem reconhecer que unicamente a acção revolucionaria é o meio de conquistar todos os direitos; que todas as instituições autoritarias e despoticas do Estado e do capitalismo devem desapparecer, lutando cada qual como verdadeiro herõe, para que a celebre phrase de Bovio seja cada dia uma realidade crescente. E' preciso que empreguemos as nossas actividades em fazer com que a Historia cominhe para a Anarchia.

Primitivo Soares

As multidões e a propaganda anarchista

Das duas tendencias predominantes nas multidões, a progressista, que pugna por um constante melhoramento, e a conservadora, consequencia do atavismo que prende os individuos ao passado, é sem duvida esta ultima a que mais influencia exerce. E ainda nos atrevemos a dizer que as ingentes massas não possuem outra tendencia que a conservadora, pertencendo o espirito libertario a uma minoria que opera em seu seio como um fermento revolucionario.

Se pudessemos subtrahir ás collectividades a influencias das minorias innovadoras, logo veriamos desapparecer a sua tendencia progressista, absorvida pelo sentimento conservador.

Isto que aqui constatamos se tem repetido em innumeraveis casos e em collectividades constituidas com os mais diversos fins, não escapando á regra as associações de resistencia á exploração capitalista formada por trabalhadores.

As acções collectivas têm por movel os sentimentos e as idéas predominantes na maioria, e a ninguem escapa a percepção de que taes idéas e sentimentos são resultantes de uma longa serie de preconceitos de ordem politica e religiosa. Dahi que os seus actos correspondiam justo ás suas idéas e que, portanto, seja mconservadores.

Erronea é a theoria que suppõe as massas susceptiveis de ser arrastadas para onde se queira pelo primeiro que com este fim se apresente. Quando muito seguirão ao que saiba interpretar os seus sentimentos e aspirações mas nunca ao que, obdecendo a differentes idéas, intente abastardar os sentimentos da collectividade que pretende dominar.

Nós anarchistas tropeçamos com uma infinidade de obstaculos e fracassos quando pretendemos arrastar multidões que não se acham saturadas do nosso espirito libertario. Não nos comprehendem ou interpretam pelo avesso as nossas intenções, e a derrota é então inevitavel.

O Estado, por exemplo, já não encontra essas difficuldades. Conta com a mentalidade popular de antemão educada para um determinado fim e que, por isso, sabe corresponder perfeitamente aos seus propositos. Dahi que tão facil seja a um governo realisar uma guerra, por que encontra governados patriotas, como difficil para nós evital-a, desde que não contemos com o elemento popular indispensavel para tal fim.

Um governo qualquer se veria impossibilitado de levar a cabo uma guerra se os seus subditos fossem anti-patriotas. Ser-nos-ia facil, aos anarchistas, fazer desencadear a revolução, si os trabalhadores admittissem, ainda que vagamente, a idéa de que se viveria melhor em outro regimen em que não existissem a propriedade privada nem o Estado.

Reconheçamos que, para levar uma collectividade a um facto qualquer, necessario é dizer-lhe aonde se vai, e para que se vai; si se sentir impulsionado por um atomo das idéas que nos animam, essa collectividade nos seguirá; porém, ao contrario, si o sentimento que a animar fôr adverso ao nosso, podemos de antemão assegurar que, longe de seguir-nos, nos dará as costas, si antes lhe não occorrer illiminar-nos como inimigos.

A formula — «a massa vai aonde a levem» — é falsa, é uma affirmação *a priori*, que não está de accordo com os factos; podia substituir-se por esta outra muito mais exacta — «a massa vai atraz de quem sabe interpretar os seus sintimentos».

* * *

Os factos não se produzem *porque sim*, ás tontas e ao acaso; são o resultado de uma serie de factores, sem os quaes nada se produziria. O fatalismo nos problemas sociaes é uma mentira. Si se pode chamar progresso o grão de civilisação alcançado em nossos dias pela humanidade, confessemos que é elle a resultante da acção continuada exercida em seu seio por uma minoria e sem a qual a evolução desappareceria, para dar logar ao retrocesso, á involução.

Si queremos utilizar as multidões como um elemento favoravel aos nossos fins — e isto é indispensavel, si realmente queremos materializar as nossas idéas — havemos de ter em conta a necessidade que ha de uma propaganda mais intensa, que tenda a substituir na mentalidade dos homens os conceitos reaccionarios pelos conceitos anarchistas. Este é o meio mais viavel para o advento da anarchia e sem o qual esta bella aspiração não passará de uma bonita phrase, muito significativa, mas muito pouco realizavel.

Esperar a anarchia como alguma coisa que fatalmente deve vir é uma crença que muito nos prejudica, debilitando a nossa acção revolucionaria. Nenhum regimen politico dos que hoje governam o mundo deve a sua existencia á fatalidade; elles são obra de uma minoria de individuos que, influenciando uma parte da opinião do povo com a sua constante propaganda, approveitaram a primeira opportunidade favoravel para realizar o que lhes convinha. Dahi que surgissem as monarchias constitucionaes e as republicas. A não ser a acção desses homens, viveriamos ainda debaixo do mais feroz absolutismo.

Muitos são os exemplos desta indole, e só nos falta imital-os para que as nossas idéas se convertam em factos.

A. ALBA

*** Temos sobre a mesa o primeiro numero da *Guerra Social*, semanario anarchista que se publica em São Paulo em lingua italiana.

A redacção do jornal está entregue á Angelo Bandoni, lutador conhecido no meio anarchista da Paulicéa.

O primeiro numero do jornal veiu repleto de artigos anti-patrioticos e esperamos que isso não seja motivo para que aconteça ao novo collega o que valeu a *La Battaglia* a tenaz propaganda anti-patriotica que encetou por occasião da guerra italo-turca.

Em summa: desejamos longa vida ao novo semanario, pois a sua acção é muito necessaria no momento actual.

Escola Remington

Dactylographia, tachygraphia, redacção, escripturação e calculos commerciaes, linguas vivas e desenho.

Rua 7 de Setembro, 67

OS SNRS. DO CONGRESSO

Le mot du jour é o córte. Corta-se tudo e já que o escrevedor destas linhas não pode cortar o seu minguado orçamento, já reduzido a proporções infinitisimaes, seja-lhe permittido o agradavel desforço de cortar: . . na pelle alheia . . .

O Congresso é o thema em moda para a ironia patricia.

De facto, os snrs. representantes da... não sei bem do que são elles representantes .. elles dizem-se da nação, e a verdade é que é uma damnação para elles, não serem representantes da dita...

Como escreviamos acima, de facto, os snrs. representantes da nação merecem o tratamento que se lhes dá.

Designados por uns individuos, que se apossaram das posições, para fingirem de representantes do povo, estes srns. vivem divorciados da opinião, contundindo-a a todo o momento.

Um deputado ou senador nada mais representa para o grande povo, que um individuo de caracter fraco, sem opiniões, que o frauda em 80$ diarios, para fazer de titere nesse custoso palco da representação nacional.

Nas grandes questões que se agitam, sonda se a opinião individual de um deputado ou senador e o confronto dessa opinião pessoal, com a sua attitude no parlamento, é tão flagrantemente contraditoria, que o povo, na sua pittoresca fórma de commentar, já creou, para lhes qualificar o procedimento, esse expressivo — *avacalhamento* — que tão bem lhes define a norma.

Desde a proclamação da republica que o Congresso vem baixando de nivel, em todas as legislaturas.

Não se julgue porém, que isso não tem uma razão de ser. Ao proclamar-se a republica, o Brazil, a não ser uns dois ou trez Estados em que a propaganda havia sido feita com intensidade e havia um nucleo de homens capazes de praticar o regimen, foi entregue a uns inexperientes rapazes, que se deixaram enleiar pelas antigas raposas do imperio. Estas prepararam a machina a seu bel prazer, deturpando por completo a idéa nova; apossaram-se das posições, e como eram por natureza uns despudorados adherentes, cercaram-se de individuos do mesmo jaez, podando todo e qualquer elemento de valor que lhes fizesse ou podesse vir a fazer sombra, estiolando o seu poderio.

Ninguem mais conquistou o poder em lucta leal —a insidia e a traição foi o expediente normal para o assalto ás posições.

Para o Congresso eram designados os mais servis. Nunca mais se viu naquella casa um representante que podesse dizer: —aqui estou, exclusivamente por mim. Se o seu reconhecimento não é devido ao governo estadual que o envia, é devido ao governo central ou ao chefete A ou B, que por elle se empenha.

A eleição deixou de ser uma cousa seria para ser uma luta de papeis falsos. O impudor tocou ao auge nos ultimos tempos, em que até a propria ficção eleitoral foi posta de lado, para imperar desenfreadamente o conchavo.

Vultos de caracter entram para o parlamento por um favor especial e magnanimo dos que estão no poder, constituindo vozes isoladas, peadas pela gratidão.

A maioria é composta de uns pobres diabos, sem independencia, sem opiniões, que fazem daquillo um meio de vida, uns verdadeiros ennuchos, que a nossa tolerancia deixa parasitar.

O povo troça-os, as gazetas, para agradar ao povo, troça-os tambem e elles, na sua intimidade, levam tambem isto de troça, pois bem sabem que essa historia de poderes harmonicos e independentes é uma grande pilheria, que ninguem toma a serio.

Agora, neste momento, em que o timão está na mão de um homem que personifica a indecisão, o que vemos no parlamento e nas cousas mais serias é indecisão, indecisão, indecisão.

A ordem é cortar e o Congresso, que votou as aposentadorias dos militares, dando-lhes maiores vencimentos na inactividade que na activa; que votou os gastos excessivos do quatriennio findo; que votou a compra desses dois mastodontes que apodrecem na bahia, custando-nos os olhos da cara; que votou as pensões que gosam as viuvas dos seus pares imprevidentes; que votou todos os disparates que nos levaram à triste miseria dos dias de hoje; volta-se contra os operarios, contra os funccionarios subalternos, para equilibrar um orçamento pejado de despezas improductivas e superfluas.

Mas esses pobres diabos de congressistas, que arrastam os 80$ que nos furtam, como os sentenciados arrastam a calceta, não se lembram que nós temos o direito de exigir que, antes que a grande massa dos pequenos, que se projecta lançar na miseria, morra de fome, reduzam elles ao minimo as suas proprias despezas.

Tire-se aos que têm muito e com o que sobeja destes, amparem-se os que já vivem na mais extrema penuria.

Evitem que o povo em massa lhes vá bater ás portas e lhes diga com o furor das grandes allucinações que *a comedia é finita*.

A. Mor.

NOTA Á MARGEM

Diz Pedro do Coutto que, *sem tola vaidade, a verdade está* do seu *lado;* que *contestou com felicidade os seus adversarios*, os quaes *concordaram com a sua affirmativa*.

Certamente por deficiencia de intelligencia, que não por teimosia, ainda não concordei com as affirmativas do meu caro amigo. Nossas divergencias são de vinte annos, o que nunca chocou a sincera amizade que nos liga, e tem concorrido para que cada vez apreciemos com mais respeito nossa independencia de pensar e sentir. Não me convenceram as razões de Pedro do Coutto, tão elegante e ardorosamente expostas, ou por dureza de minha comprehensão, ou por não serem convincentes os argumentos.

Dentro de sua concepção de governo, não comprehendendo a possibilidade de serem desprezadas as bases em que acrobaticamente se mantem em equilibrio instavel a sociedade presente, não póde conceber uma nova organização (e não reorganização) social, diversa e dessemelhante da existente. Toda a engrenagem que ahi está e que P. do Coutto acha que não é a melhor, é um trabalho secular, que se não está perfeito é porque não tem probabilidade de concerto, batido e combatido continuadamente por todos os povos, obra de minorias, sacudido e destroçado pelas constantes revoluções sociaes e pelas revoltas permanentes, em tentativas infructiferas para melhorar e tomar outras fórmas.

As constantes reconstrucções e a instabilidade de todos os governos provam que não é natural nem inherente ao homem a noção de governo, toda convencional, que nunca chegou á perfeição de estar de accordo com os que lhe soffrem a acção.

Quando o homem tiver capacidade moral e intellectual para se governar a si mesmo, e essa cultura estiver generalizada, para que commando, orientação, directriz, impostas por outrem? Para viver e para gozar a vida, precisará, ainda hoje, Pedro do Coutto de guia, orientação, governo, com a capacidade de cultura e a força moral que possúe e que todos lhe reconhecem? Generalize.

Recorrendo á historia da civilização, onde são registrados os successos e as successões dos governos, historia feita e em geral orientada pelos governos, nas suas actas, nos seus actos, nos commentarios e nos documentos que chegaram até nós, ha de sempre o illustre escriptor encontrar a *constante existencia d'elle no meio da variedade de circumstancias e de civilizações, com seu inevitavel conceito*.

Mas dahi chegar a conceber a sua *perpetuidade*, através de todos os progressos humanos, é descrer muito da capacidade de inventiva do homem.

Por esse modo de entender, a pena de Talião, o direito de primogenitura, a escravização dos vencidos, a pena de morte, o direito de baraço e cutelo dos senhores feudaes, as primicias da virgindade doadas aos castellões, a separação das castas, a divindade dos reis, etc. etc., nunca teriam sido abolidas.

A immortalidade d'alma, a existencia de deus, o conceito antropocentrico não seriam negados hoje convictamente e livremente, se ficassemos presos ao criterio historico, que inhibe qualquer innovação em sentido diverso do que se houver feito já. Entretanto, todas essas cousas, reformadas hoje, até na sciencia, já constituiram dogmas intangiveis.

Quando Pedro do Coutto aconselha que os *camaradas anarchistas raciocinem* como elle e não *confundam governo — o que orienta — com o que se apresenta na hora andante*, esquece que toda a sua argumentação se baseia exactamente na confusão do que existe na hora andante e no triste passado existiu, com o que virá depois.

Reconstruir com as bases existentes é o trabalho inutil de Sisypho que a humanidade tem emprehendido, substituindo o que destróe, firmando-se nos mesmos alicerces podres, no que se refere ás organizações sociaes. Ha milhares de annos que soffre a humanidade as consequencias das desigualdades sociaes, desde as castas, o brahmanismo e os parias até o Capitalismo e o Pauperismo de hoje, até o industrialismo e o laborismo antagonicos da actualidade. Ficará com isso provada a *impossibilidade de eliminar-se* a noção de desigualdade economica e social, e sem applicação o aphorismo de A. Comte— *o capital, social na sua origem, deve ser social no seu destino?*

Pela razão de existencia, em todos os tempos, de concussionarios, estelionatarios, defraudadores dos cofres publicos, usurpadores de poderes; pela tendencia dos governantes ao predominio de um só imperante — chefe de partido, rei, ou presidente — dictador, deviamos chegar á conclusão de que tudo isso é a normalidade, e que a lição da Historia devia servir para que se conformassem os povos e nunca se revoltassem contra a *fatalidade* ou *contingencia fatal*.

Não acreditar no evolver progressivo da Humanidade, senão nos limites do existente, é negar o progresso e suas leis, que, no dizer de Goethe, seguem uma linha em espiral, em constante ascenção.

Senão, será acceitar o progresso como a volta ao antigo, isto é, um progresso negativista ou regresso, ou pelo menos estagnação.

Rio, 16 de Setembro de 1915.

FABIO LUZ

EXPLICADOR

Linguas e diversas materias do curso Secundario e Normal.

RUA DR. CELESTINO, 56 A
NICTHEROY

OS MALES DA ANARCHIA

Eu poderia dizer que o primeiro mal da anarchia é ser humana, mas isso seria uma tão grave synthese que me tiraria o direito de continuar enumerando alguns cujo conhecimento póde ser util.

Do que tenho lido e ouvido, me parece que a anarchia soffreu uma modificação e fez um recúo perfeitamente capazes de perturbar a possivel marcha para a realização do seu grande sonho originario. A modificação consiste no collectivismo ou no communismo, que, como qualquer estado baseado na sociabilidade, indica irrevogavelmente a fragilidade. Toda união é symptomatica de fraqueza, muito embora, na ordem physica como na ordem moral, seja impossivel a vida com os elementos singulares.

Mas, não é tomando o homem como ser isolado que se pode construir a vida social, porque na propria natureza estão as causas fataes de suas tendencias grefárias. Uma vez, porém, que esse espirito de sociabilidade é inalienavel, a sociedade se faz independentemente de todo e qualquer accordo ou convenção.

Ora, a anarchia, quer como tendencia, quer como doutrina, é uma reacção contra as consequencias queda sociedade resultaram para os homens cujos destinos integraes foram violentamente contrariados pelas fórmas de sociedade impostas ou resultantes. O seu fim é recollocar o homem em um ponto tal da sociabilidade que seja impossivel partir d'ali para qualquer destino que faça violencia á vida plena e perfeita. Por consequencia, ou a anarchia deve destruir toda a sociedade actual para recomeçar uma nova — e só será anarchia quando destruir — ou ella é uma involução, isto é, uma volta ao estado primitivo, estado unico possivel á vida integral, e ella deixa de ser anarchia, porque attenta contra uma lei natural, que é o espirito de sociabilidade evolutiva.

(Antes de continuar, declaro que não dou nenhum sentido profundo ás palavras evolução e involução).

Sendo incontestavel que a anarchia communista predomina sem contraste entre as varias escolas actuaes, pareceme que esta modificação é um mal e um mal progressivamente grave. Fazer anarchia social collectiva é oppor uma sociedade a outra sociedade, ou um mal a outro mal, por isso que é infinitamente provavel ser a sociedade em si a causa irremediavel de todos os males do homem. Modificando-se para o sentido do collectivismo, a anarchia definiu a sua fraqueza, provou que o homem nada fará por si só nem para si só, determinou inconfundivelmente a fórmula da força social existente, e capitulou ante ella, tomando ao inimigo as suas apparencias e os seus ideaes. Na impossibilidade de vencer o mal, que é a sociedade—toda e qualquer sociedade—acceitou os homens taes quaes elles são e lhes promette uma sociedade nova, baseada em principios differentes dos da actual de que entretanto toma o espirito de dependencia reciproca e mutuo apoio.

Esta é a modificação inadmissivel em uma anarchia cujo fim não pode deixar de ser a guerra violenta e sem mercê contra as *causas* do infortunio e da servidão humana.

Agora o recúo. O recúo da anarchia consiste no abandono dos processos. A anarchia era destruidora, tinha o punhal, o incendio, a dynamite; ella usava o direito da força com uma amplitude corajosa e gloriosa; ella falava pouco e tinha convicções de nervos e de coração. Declarando guerra á sociedade, ella fazia de facto a guerra e ignorava a transigencia e a opportunidade. Era contra; de qualquer maneira, por qualquer principio, em todo caso ella era contra. Era a authentica e a pura anarchia.

Agora não. Abandonou a propaganda pelo facto e se fez philosophica e racionalista. Faz proselytismo, faz—oh! —religião! E' dulçurosa, persuasiva, raciocinadora, economista, academica e moralista.

Horrivel recúo! Capitulação desconcertante! A anarchia se acobarda, perde as heroicas convicções que lhe abriam o luminoso deserto de amanhã. E ella eliminava sem calculo e sem piedade, ignorando as perdas e despezas do material humano na vida. E só assim ella era serena e poderosa, porque não fazia estrategias, nem gymnasticas mentaes, para provar a si mesma que valia a pena.

Tudo isso passou. Vindo bruscamente da boa guerra para as accommodações doutrinarias, abandonando a nitro-glycerina pelo livro, o punhal pelo discurso e os *complots* pelos congressos, a anarchia recuou seculos além das *jacqueries* e de Spártaco. Mal sem remedio e que só o exemplo burguez dos mexicanos e dos allemães poderá attenuar e attenúa de facto pela eliminação patriotica de alguns milhões de excedentes na vida.

Póde ser que eu me engane, mas após o que aqui fica, voltando o meu olhar para Ravachol e Caserio Santo, termino, a repetir as minhas proprias palavras: o mal da anarchia é ser humana.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO

O QUE PENSO

Fabio Luz pretende vêr incoherencia no espanto que me causou a sua asserção referente ao atrazo do homem, no tocante ao sentimento, como consequencia da civilisação, e o meu interesse por *essa sociedade em fallencia*.

Não vejo razão no meu digno amigo. E vou proval-o.

A civilisação quer dizer o progresso do homem em intelligencia, em sentimento e em actividade, qualidades que se desenvolvem simultaneamente, não obstante muita vez uma d'ellas ser a mais cuidada. Mas, como esse cuidado não se póde effectuar sem que as outras d'elle experimentem os resultados, a consequencia é que o desenvolvimento de um desses attributos determina naturalmente modificação nos dous outros. Isto quer dizer que, se a especie humana, em certo periodo de sua evolução, mais intensamente curou do desenvolvimento mental, fel-o concomitantemente em relação á sua affectividade e á sua acção.

Nem se póde comprehender que o homem, ao passo que se torna mais intelligente e mais culto, não se manifeste mais dotado de sentimento e de actividade.

Tudo se educa. E a vida humana toda tem gyrado em torno d'esses tres attributos, modificando-os progressivamente, de modo a melhor exercer a sua principal e basica condição — a sociabilidade.

O meu talentoso adversario diz que o paradoxo sociologico que eu lhe notei tambem é meu. Não procede a accusação. O facto de eu dizer que a sociedade moderna está em fallencia e que a exploram meia duzia de homens, não autorisa o meu velho amigo Fabio Luz a tirar semelhante conclusão. Senão, vejamos. Eu affirmei que a sociedade actual está em crise, isto é, que ha uma quebra no equilibrio humano, quebra que se manifesta nesses periodos pela deturpação do sentimento, como mui eruditamente o salientou o meu honrado oppositor, quando evocou varias phases criticas por que passou a humanidade. Portanto, accorde aliás com o meu culto contradictor, estou certo, quando affirmo que a sociedade está em fallencia moral, estado logico, como consequencia da crise por que ella passa, crise que é perfeitamente identica ás que o meu amigo Fabio retraça com precisão, apanhando-as através dos tempos. E é nesse trabalho inductivo, em que se vêem as variações do homem — ora desenvolvendo demasiado a intelligencia, ora dando grande cultura ao sentimento — que me eu baseio para sustentar — de um lado, que a civilisação faz progredir o homem no seu triplice aspecto psychologico; de outro, que a sociedade, atravessando uma de suas habituaes crises, se desequilibra, e, como sempre, fal-o no sentido da affectividade.

Onde vê o meu digno contradictor que eu sustente um paradoxo?

Não, meu caro amigo, estou até muito logico, visto que argumento com factos historicos, que o meu digno adversario constata.

O que me não satisfaz é a culpa que atiram os anarchistas á sociedade dos males que o homem experimenta. Se o homem soffre; se é victima de uma situação premente; se as suas condições de vida são ruins, conclúem que tudo isto é consequencia do modo porque a sociedade está organizada. Ora, acho absoluto este juizo, e isso porque, sendo a sociedade composta de homens, os defeitos que ella manifestar são necessariamente os mesmos dos seus componentes.

O governo, contra o qual tanto se batem os anarchistas, tambem é constituido por homens; e é logico que estes se não modificam essencialmente só porque assumem a direcção de seus semelhantes. O homen sociavel, educado, culto, não se converte em tyrano só porque mudou de condição social.

E' injusto, pois, attribuir sómente ao governo os males que são peculiares aos homens individualmente considerados.

Se a sociedade actual está em decadencia moral è porque o homem está por sua vez decahido moralmente; logo, não me parece curial que se attribua áquella a responsabilidade de um facto que a este cabe primordialmente. E a sociedade se acha em taes condições em virtude das alternativas que o meu amigo Fabio Luz apanhou tão claramente. Na hora presente ella experimenta uma tremenda crise, (semelhante a outras por que tem passado) para cuja solução com tanto ardor se esforçam os anarchistas.

Não posso tambem comprehender a revolta dos anarchistas relativamente a instituições sociaes ás quaes elles attribuem os males que tanto profligam. Se á humanidade não conviessem semelhantes creações; se ellas têm difficultado o advento d'essa época de felicidade que todos desejamos, como e porque surgiram ellas?

Se é o homem quem provê as suas necessidades, se é elle quem crêa a sciencia, a arte e a industria; se é elle quem se organiza, porque consentiu que se estabelecessem formas e processos que o viriam infelicitar?

Tudo que existe corresponde a uma necessidade. Não se argumenta com os excessos, com os desvarios, com as deturpações, para concluir condemnando. Aliás, os anarchistas não se apegam a taes circunstancias — condemnam as instituições em si. Mas, pergunto, como existem ellas e como os homens as inventaram, se iriam prejudical-os?

Não parece ao meu velho amigo Fabio Luz que é clara esta objecção?

O homem, em seu longo evolver, se tem creado e mantido certas e determinadas instituições, é porque ellas correspondem a necessidades precisas; como culpal-as, pois, dos males que tanto o premem?

A culpa, certamente, não é de taes organizações, e sim, quiçá, da inopportunidade do seu modo de ser

A evolução, que a tudo preside, modifica-as, como aliás o exame da historia o attesta, ou as elimina, quando não mais correspondem á situação social e moral do homem, mas não rompe a série natural de seu desdobramento através dos tempos.

Não julgo que se possa fazer *taboa rasa* do que existe. Devemos, sim, modificar o que ha, adaptando-o á situação do homem, o que fatalmente se dará.

O erro dos anarchistas, a meu vêr, é — estarrecidos pela profunda crise moral que atravessa a sociedade, suppôrem que a eliminação de todas as instituições sociaes, creadas porque necessarias, resolve o problema. Chamo erro sem que vá nisto intuito de desconsideração, porque elle revela a negação da evolução humana. Esta, se os meus dignos adversarios a analysassem com calma, lhes explicaria satisfactoriamente a razão de ser de instituições que tanto combatem.

Não culpem a sociedade de males que se dão inevitavelmente em épocas de crise, quando novas organizações tendem a se impôr. E a sociedade moderna está em um d'esses momentos, a que chamei de fallencia, por isso que o desequilibrio no homem o leva a desvarios, constataveis em periodos identicos da historia. Não implica, entre anto, esse estado, o suppôr que as conquistas moraes que a civilisação nos ha outorgado não sejam equivalentes ás intellectuaes.

Vê, pois, o meu digno amigo Fabio, que a seu bello talento não se impuzeram, como eu desejava, as minhas affirmações no tocante á fallencia da sociedade e á sua exploração por meia duzia de habeis.

Não ha incoherencia em taes conceitos, como creio ter provado á saciedade.

PEDRO DO COUTTO

A CREAÇÃO DE MAIS UMA INFAMIA

Com a presença, ou melhor, sob a presença do presidente do Estado, realizou-se ha dias, em Nictheroy, uma festividade com o fim de promover dinheiro em soccorro dos flagellados do norte e auxiliar a fundação de uma Escola Correccional para menores.

A essa funcção, que teve logar no theatro João Caetano, além do dr. Nilo Peçanha e do mundo official fluminense, compareceu toda a *élite* da terra, o que quer dizer que a burguezia de lá não só concorda com a fundação d'uma Escola Correccional para menores, como tambem propagam o que ella tem de melhor, essa iniciativa do governo. E é bem natural que o faça; está mesmo na logica da sua caridade altiva de matrona esmoler e bem posta, esse gesto com que afasta dos seus olhos pudicos o espectaculo incommodo dos gavroches obscenos e andrajosos, perambulando pelas ruas da invicta Praia Grande e pedindo um tostão aos transeuntes, em nome de deus e sob a ameaça d'uma palavrada... A burguezia, do ponto de vista dos seus interesses, agiu, como sempre, com muito acerto; mas, nós, que não temos medo de que nos tirem os nickeis em nome de deus, nem nos arreceiamos da ironia malcriada dos *mascalzoni*, não concordamos em absoluto com a fundação da tal escola.

E'-nos preferivel vêr esses desgraçados esmolando p'ra'hi, cobertos de trapos e *moqueurs*, dormindo pelos portaes, a evocar quadros de Goya, do que sabel-os encarcerados, sob o pretexto de se estarem a corrigir de vicios de que, apenas a sociedade que os quer regenerar, é culpada. E regeneral-os como?

Encerrando-os, n'uma casa qualquer, na promiscuidade geradora de perversões de todos os internatos, aggravada pela disciplina penitenciaria, que só serve para abater os impetos nobres da altivez que quiçá lhes tenham restado? Corrigil-os dos seus habitos viciosos, substituindo-os porque? Por algumas noções vagas e imprecisas de grammatica, geographia e arithmetica? Transformando-lhes o calão de sargeta em meia duzia de phrases idiotas sobre o amor da patria e a obediencia, isto é, o servilismo?

E'-nos preferivel, repetimos, vel-os vagabundos e rotos, á luz do sol, sem saber que estão na capital do Estado, dizendo *nós vae*, porém livres; porque dessa malandragem precoce é possivel se chegar a tudo na escalada do Bem e na descida do Mal, ao passo que d'uma escola correccional só se pode sahir mirrado de corpo e de alma entorpecida.

E a prova temos n'uma porção de casos em que da bohemia suja dos cáes e das praças sahem nomes gloriosos; para não citar outros, temos Maximo Gorki.

Que seria desse nome universal na litteratura, se a sua puberdade se tivera passado n'uma Escola de Menores?

E não se diga que entre nós é impossivel ser alguma cousa depois de se ter rolado, ao abandono, na molecagem das praias, porque o dr. Nilo Peçanha, esse mesmo que hoje preside á iniciativa da tal Escola Correccional, de lá vem e faz até garbo em o tornar patente. Tivesse entrado elle para uma Escola de Menores, quando, á beira do *Vallão*, em Campos, fazia das suas, e hoje, em vez de ser S. Exa. o presidente, quem sabe o que seria o dr. Nilo?!...

A esses infelizes menores, orphãos mais da fortuna que de paes, contra cuja maneira de viver se revolta a sociedade, que lhes falta, afinal, para pertencerem á civilização?

Apenas o que a sociedade lhes roubou na sua pessôa e na dos seus antepassados. Quem são elles, sinão os filhos e os netos dos productores de todas as riquezas de que gosa a prole da burguezia?

Porque, então, não têm elles pão, educação e lar?

Porque de tudo isso a que tinham direito, foram espoliados em beneficio dos *enfants-gatés* dos *senhores*, que hoje, para os não vêr ostentando nudezes mal nutridas, tratam de lhes aprestar um prisão, donde sahirão manchados com um epitheto infamante, que lhes fechará todas as portas da vida honesta e obrigal-os-á a recorrer ás da cadeia.

Protestamos, pois, contra mais esta infamia que os governantes e os burguezes de Nictheroy querem levar a effeito, sob o pretexto humanitario de proteger a infancia desamparada.

Essa infancia desamparada não precisa ser internada n'uma Escola Correccional; precisa é que lhe restituam o que lhe roubaram, os meios de viver e de se educar; precisa é que os filhos dos senhores de engenho não lhe prostituam as mães e irmãs; precisa é que o sr. Nilo Peçanha, ao menos em nome do seu passado, não lhe tolha o passo que pode leval-a muito longe...

Experimente, por exemplo, s. exa. de, em vez de pôl-os á *sombra*, protegel-os, fazendo por elles o que houve quem por s. exa. fizesse *in illo tempore*, e depois sempre verá se os gavroches da terra de Arariboia não chegam, ao menos, a litteratos e doutores..

MAX

Congresso Anarchista Sul-Americano

Activamente empenhada no bom exito do Congresso, a commissão organizadora prosegue nos seus trabalhos de preparação do mesmo, dando andamento á correspondencia e demais particularidades referentes ao assumpto.

Como já noticiámos, além das reuniões especiaes dos domingos, no Centro de Estudos Sociaes, ás sextas-feiras, se tem tratado do caso, da maneira por que os anarchistas que fazem parte desse Centro se hão de fazer representar no Congresso.

Segundo opinião dominante, os anarchistas que são membros do Centro de Estudos Sociaes escolherão dentre si dois ou tres delegados, enviarão alguns themas e se cotizarão afim de concorrer com alguma quantia para as despezas do Congresso.

Em bom caminho vae tambem o relatorio historico de movimento anarchista no Rio, de cuja feitura se encarregou um dos mais antigos militantes do nosso meio.

Toda a correspondencia concernente ao Congresso Anarchista Sul Americano deve ser endereçada a secretario da commissão, José Elias da Silva, Caixa postal 1427, Rio de Janeiro.

A GUERRA

OPINIÕES. DOCUMENTOS. FACTOS

Extraordinario depoimento

No jornal norte americano *Boston Sunday Post*, foi publicada uma extraordinaria entrevista com Henrique Ford, grande fabricante de motores.

«Si a Europa, si o mundo em geral, si os Estados Unidos tivessem dispendido em promover a paz um milesimo do dinheiro gasto em guerras e preparativos militares, disse elle, nunca o mundo teria sido abalado por esta ou outra guerra».

Depois de affirmar que os soldados deviam declarar uma greve geral, mostrou que só duas classes aproveitam com a guerra: os militaristas e os financeiros. Quanto a elle, ainda que lhe offerecessem preços triplos pelo fabrico de carros automoveis para fins militares, preferiria queimar a fabrica a aceitar uma encommenda.

«A causa do militarismo, continuou elle, nunca é o patriotismo, é em regra o commercialismo».

Discutindo as causas da conflagração, o raro industrial disse:

«Penso que esta guerra é em grande parte resultado da cobiça da parte dos que della tiram proveito. O homem que fabrica munições de guerra quer vendel-as. O homen desejoso de emprestar o seu capital a largo juro quer collocal-o para fins guerreiros, que são os que produzem maior taxa. O homem que foi educado na sciencia militar aspira a ter ensejo de mostrar as habilidades guerreiras que aprendeu, pois só desse modo pode alcançar fama ou qualquer outra recompensa adequada por todo o tempo e todos os esforços que a sua educação exigiu.

A meu ver, todos esses homens merecem condemnação mais severa do que os impotentes monarchas, e mais severa certamente do que os simples soldados rasos, pela carnificina em vasta escala que se realiza lá fóra.

Si estivesse na minha mão, eu lançaria ao mar a polvora toda, arrancaria aos uniformes dos soldados e marinheiros os seus distinctivos sem sentido e transformal-os-ia a todos em vestes proprias para o labor honesto. Puxaria para terra todos os vasos de guerra e desmontaria todos os canhões e carabinas, convertendo os instrumentos selvagens em uteis instrumentos de trabalho, para beneficio e levantamento da humanidade».

Interrogado sobre si neste momento supprimiria o exercito e armada dos Estados Unidos, Henrique Ford respondeu sem hesitação: «Sim».

O imperialismo francez

O conceito é do catholico e conhecido homem de lettras Léon Bloy, que o reproduz numa obra recente, «Jeanne d'Arc et l'Allemagne:

«La France est tellement le premier des peuples que tous les autres, quelsqu'ils soient, doivent s'estimer honorablement partagés quand ils sont admis a manger le pain de ses chiens».

Deixamos o conceito no original para não perder o sabor... no caso, retintamente germanico.

A suave terra de França!...

CHRONICA INTERNACIONAL

A policia é arbitraria em toda parte.

La Batalla, de Montevidéo, falando da violencia e dos atropelos a que foram sujeitos certos operarios daquella cidade, dá uma idéa da selvageria exercida pela policia uruguaya contra os que têm a infelicidade de lhe cahir nas garras.

Diversos trabalhadores, prezos simplesmente por suspeita, foram barbaramente espancados — e com saccos de areia, afim de não ficarem os vestigios do espancamento. Um delles, chamado Gonzalez, foi submettido a torturas horriveis, administradas pelo famigerado commissario Varela, que é, na materia, talvez mais perito do que o nosso celebre escrivão Hygino. E tudo isso para arrancar *confissões* de couzas que os prezos ignoravam em absoluto.

Estes processos inquisitoriaes são tambem praxe no Brazil. Que o diga Barata Ribeiro. Razões de sobra tinha, portanto, o Manso Paiva para estar apprehensivo quanto á sorte que o esperava na detenção.

O homem que teve a coragem de eliminar o ex-dono *disto* — acto que, pela temeridade que exigia da parte de quem o executase, era considerado quasi irrealizavel — perdeu o sangue frio quando se lembrou de que teria de viver sob os cuidados do Meira Lima, o descobridor de *complots*.

E' que sabia qual é o tratamento que este carrasco costuma dispensar aos detidos confiados á sua guarda.

O néo-malthusianismo tem tido uma propaganda colossal na França, e o consequente decrescimo da população já ha alguns annos que estava dando que pensar aos dirigentes daquelle paiz.

Tentaram sustar a pratica do néo-malthusianismo com o estabelecimento de premios para um certo numero de filhos, mas isso de pouco ou nada valeu e, com a explosão da guerra na Europa, o assumpto assumiu uma importancia extraordinaria, chamando a attenção do governo.

Quanto menor a população, menor a contingente dos moços validos disponiveis para a guerra. Dahi a preoccupação do Estado.

Constituiu se um comité nacional que tem por fim promover uma campanha pelo augmento da população. O presidente deste comité é o proprio presidente da Republica que, comquanto casado, não tem filhos; além do sr. Poincaré, compõe-se o comité de mais 24 figuras de destaque no meio social francez. Estes 25 personagens, propagandistas extremados do povoamento do solo, têm entre todos 19 filhos, ou uma média de menos de um filho para cada casal! O sermão devia começar por casa...

Ha tempos, o *Intransigéant*, de Paris, deu-se ao trabalho de fazer uma enquête entre os 445 homens illustres, todos casados, que se salientavam pelo seu apoio incondicional á agitação anti-maltusiana. O resultado foi o seguinte: 176 casaes não tinham filhos, 106 tinham um filho, 88 tinham dois filhos, 40 tinham tres, 19 tinham quatro, 7 tinham cinco, 4 tinham seis, 3 tinham sete, 1 tinha nove, e 1 tinha onze filhos, ou uma totalidade de 445 casaes com 578 filhos, que dá uma média de um filho e um terço para cada casal.

E note-se que cada um casal destes podia perfeitamente sustentar vinte filhos com menos sacrificio do que é possivel a um casal operario manter um só.

Porque é que estes 445 patriotas, em vez de fazerem a propaganda anti-malthusiana pela penna e pela palavra, não trataram de augmentar as suas familias, dando assim o exemplo a seus compatriotas? E' que pertenciam a *élite* franceza, e naturalmente as suas excellentissimas esposas não estavam dispostas a passar pelos incommodos e riscos acarretados pela gravidez.

Demais, como é que poderiam frequentar as reuniões mundanas, recepções, etc. si os seus lindos corpos estivessem deformados pela maternidade?

Não! Para povoar o solo, chegam as mulheres do povo...

* * *

Os anarchistas estão divididos quanto á conveniencia da adopção do néo — malthusianismo.

Uns acham que é necessaria; outros pensam que não A razão, porém, parece não estar nem com uns, nem com outros. Está no meio termo.

A propaganda néo-malthusiana é boa, porque ensina aos operarios, que não percebem salarios sufficientes, o meio de deixar de produzir filhos que, alimentados defficientemente, criados com desleixo, irão amanhã enfileirar-se ao exercito dos "sem trabalho", ou encher os carceres, os hospitaes, os hospicios.

Mas está entendido que essa propaganda só é util, necessaria mesmo, *hoje*, devido a organização actual da sociedade, em que homens que trabalham não recebem o sufficiente para se manterem e a suas familias.

Si estes homens, porém, em troca do seu trabalho, recebessem o necessario para a perfeita manutenção de suas familias, nenhum mal haveria em que fossem pais de quantos filhos quizessem.

Visando o ideal anarchista uma sociedade em que o trabalho e a sua recompensa serão egualitariamente repartidos entre todos, claro está que, com o advento da anarchia, desapparecerá a necessidade do néo-malthusianismo.

MYER

O Proletariado Militante

A questão dos chauffeurs

Dissemos, no numero anterior, que fariamos uma pequena analyse ao regulamento de vehiculos e bem assim ao que a policia tem feito á sombra desse mesmo regulamento, afim de podermos saber até que ponto chegou o martirologio da classe dos *chauffeurs* do Rio de Janeiro. Para o cumprimento dessa promessa, aqui nos encontramos hoje, dispostos a empregar todos os esforços no sentido de tratar do assumpto da melhor fórma que nos seja possivel.

Seria fastidioso e até inutil reproduzir nas columnas de «Na Barricada», o regulamento, tal qual foi dado á luz pelo então prefeito municipal, general Carneiro Monteiro; e neste caso, vamos nos referir apenas á materia penal desse monstrengo, frizando com especialidade os motivos pelos quaes os *chauffeurs* são submettidos a castigos tão severos como injustos.

Em virtude das disposições regulamentares, só podem ser *chauffeurs* os individuos que reunirem as seguintes condições: saber ler e escrever; ser maior de vinte e um annos de idade, que não soffram de molestias transmissiveis por simples convivencia transitoria, ou mesmo outras que os possam privar subitamente do governo do vehiculo que conduzirem; que os seus orgãos visuaes e auditivos gozem da maxima perfeição, e finalmente, que, nos livros onde são registrados todos os crimes da escoria social, não figure uma só nota em desabono da conducta do que se propõe a ser motorista.

O aspirante a *chauffeur* é submettido a exame medico, no qual deve ficar constatado que preenche as condições acima expostas, e que é um homem perfeito, sob o ponto de vista physiologico. Além disso, é tambem obrigado a munir-se de uma carteira de identidade, com valor da folha corrida, tendo para esse fim que sujeitar-se a ser medido dos pés á cabeça, como se fosse uma peça de panno destinada a ser vendida aos metros no balcão do commerciante.

Tem que deixar-se retratar, para que a sua photographia possa figurar na referida carteira, juntamente com as impressões digitaes, tirada da mesma forma que se tiram aos ladrões e criminosos de baixa escala que povoam as cadeias.

Esta carteira, no dizer das autoridades, é uma especie de salvo conducto. que tem exclusivamente por fim cercar os seus portadores de certas e determinadas garantias, entre ellas, a de fazer fé perante os tribunaes. Nós, porém, sabemos que é uma refinada mentira o que neste caso dizem as autoridades, por que essa carteira não representa mais do que uma affronta repugnante, lançada ás faces de homens que, devendo ser livres e iguaes a todos os outros homens, são comtudo escravos submissos de uma insignificante minoria de canalhas. A carteira de identidade serve pois, para forçar os individuos ao pagamento de uma fabulosa contribuição, e ao mesmo tempo collocal-os na dependencia absoluta do estado e das auctoridades, empenhadas sempre em augmentar o seu valor e o seu prestigio, a cu ta das humilhações do povo que trabalha e soffre.

E' uma velha aspiração dos que dominam, sujeitar os trabalhadores ao uso de uma livreta infamante. Em outros paizes, as tentativas feitas neste sentido têm provocado protestos de tal ordem, que ainda não foi e nem jamais será possivel pôr em pratica semelhante velhacaria. No Brasil, porém, onde muitos milhares de operarios já estão sujeitos á livreta, parece que dentro em pouco esta medida estará generalizada, e completamente satisfeitas as aspirações dos seus autores. Aos *chauffeurs*, motorneiros, conductores, carroceiros, etc. seguir-se-ão em primeiro lugar os criados e criadas de servir, que brevemente serão contemplados com a preciosa livreta. E se não estamos em erro, é o dr. chefe de policia encarregado de estudar um projecto de lei, que será approvado immediatamente, obrigando todos os criados domesticos ao uso da carteira, na qual serão annotadas, pelos proprios patrões, todas as virtudes que possuirem, como garantia da sua boa conducta e da sua honestidade. Desta fórma, o criado de servir que souber captar a sympathia dos seus patrões, e que fôr humilde como um *cachorro*, terá a satisfação de vêr a sua carteira replecta de medalhas de bom comportamento: encontrará uma facilidade extrema em empregar-se sempre que fôr despedido; nunca poderá ser confundido com os collegas de maus precedentes.

E' isto pelo menos o que nos dizem os traficantes interessados na consumação desta tragedia.

A verdade, porèm, é muito differente, e nós teremos occasião de vêr que dentro de poucos annos, nem uma só destas carteiras estará em condições de poder ser exhibida como prova de competencia e como meio de facilitar emprego. A cafila patronal, prepotente e desavergonhada, fará ás livretas dos seus criados, o mesmo ou peor do que a policia do Rio de Janeiro tem feito ás carteiras dos *chauffers*, 90 o|o das quaes terão que ser queimadas, como meio de defeza, no dia em que os seus portadores quizerem exercer a profissão de motoristas em qualquer outra cidade que não seja a capital federal. O que elles pretendem com essa e outras medidas, é reforçar cada vez mais as cadeias que prendem o povo que trabalha á escravidão moderna. E o dr. chefe de policia querendo brindar a classe a que pertence com o seu projecto, conferindo-lhe poderes descricionarios, que irão augmentar ainda mais o seu despotismo, dá-nos a mesma impressão que nos daria um grande malfeitor ao serviço de uma grande tyrannia.

Sem querermos, nos afastamos um pouco do assumpto que vinhamos tratando, e alongamo-nos demasiadamente neste artigo. O leitor que nos desculpe, e no proximo numero continuaremos o nosso trabalho.

M. COELHO

O QUE EU QUERO

Sou escravo. Não tenho coisa alguma.

O que eu quero é ser livre e quero que seja meu o que chamo meu.

Sou escravo porque o Estado não me deixa ser livre. O Estado apodera-se de mim, faz-me soldado, faz-me ir para a guerra, a matar, a destruir, a queimar gente que eu nunca havia visto.

Que direito tem o Estado para me obrigar a isso?

O Estado não me dá agua nem pão.

Si me ensinaram a ler, só o que me ensinaram foi a amar o Estado em que nasci e a odiar os outros.

Eu não quero matar outra gente para defender a canalha que me ensinou a cantar o hymno e a amar a bandeira.

Não tenho coisa alguma porque é tudo do Estado.

Aluguei um comodo. No fim de dois mezes não pude pagar o aluguel. O senhorio botou-me para a rua.

Depois passei fome para arranjar e fazer uma barraca de madeira. Prompta esta, fiquei doente. Mas, mesmo doente, estava tranquillo.

Pois chegaram uns homens e venderam a barraca e um outro homem mandou que me mudasse.

— Com que direito manda mudar-me?

— A barraca é minha.

— E' sua? Como é sua?

— Foi-me vendida porque você não pagou a licença.

— Licença? Como! tambem aqui tenho que pagar? Então eu passo fome para fazer isto e agora não é meu! Ah! comprehendo... E' tudo do Estado. Isso é que se chama governo. Tambem a casa em que eu morava não é do senhorio?

— Não. Esta barraca é minha agora, minha só de nome. Si eu não pagar impostos ao Estado, este faz-me o mesmo: vende-a.

— E agora que hei de fazer? Estou doente, a mulher e os filhos sem agasalho e além disso com fome.

— Não quero saber de nada. Saia, pois que preciso alugar isto... ou quer você pagar-me o aluguel?

— Pagar com que? Eu não tenho coisa alguma.

— Pois então saia. Sinão, será peor para você. Não vê que tenho de alugar isto?

— Canalhas! Para que esses impostos e licenças?

— E' para dar uma parte ao verdadeiro dono... o governo.

— Ah! sim, sim... isto chama-se governo: Estado sim, não governo. Porque é uma horda de malfeitores!

Rio, 7 de setembro de 1915.

J. M.

JESUITISMO

E' o mais terrivel e medonho dos monstros que rastejam sobre a face da terra.

Do seu olhar tetrico e faiscante desprende clarões incendiarios que relembram as pavorosas fornalhas da "Inquisição", onde vivos foram carbonisados milhares de seres humanos humildes, sabios e justos.

Da bocca lhe escorre a baba infecciosa que envenena o mundo e putrefaz a Historia.

Do cerebro afeito e sempre aberto a todos os crimes, só lhe irrompem idéas sinistras.

Do nariz abatatado e labirintoso esparrama sobre as multidões fracas, milhões de microbios theratologicos, somente para atrofiarem consciencias e deformarem organismos.

No ventre mastodontico armazena todos os alimentos existentes e sob a negra e mofosa batina alaparda innocentes crianças raptadas que solapeiam para o seu covil. De todos os monstros existentes, este é o mais aberrativo e degenerado...

O Diplodocus seria um simples pygmeu innofensivo emparelhado ao monstro Jesuitico.

O primeiro obedeceu á escala animal: foi um producto. O segundo gerou-se numa noite de tempestade: foi um cataclismo.

Cresceu e alastrou-se e como é um composto de todas as maldades do universo, urge exterminal-o.

Para isso é mister que todos os homens de consciencia inquebrantavel e inconfundivel manejem sobre elle o invencivel chicote da razão.

LUCIO RAMALHO

Qual a attitude do anarchista ?...

Dadas as condições a que chegou a sociedade actual, suggere-nos a idéa de fazer as seguintes perguntas:

— Quando outrem a nós se dirige, pedindo uma esmola, o que fazer? Como procedermos quando sem recursos, precisarmos matar a fome? Esperamos uma resposta para que os homens, que aspiram uma sociedade liberta, possam desde já botar em pratica costumes que levem o homem a trabalhar e desejar a sociedade anarchica.

João da Terra

Commissão Popular de Agitação contra a guerra

BALANCETE FINAL

Entradas:

Saldo do balancete anterior	3$400
Lista a cargo da L. I. dos Pintores	3$000
« « do S. dos Sapateiros	4$000
« « do C. dos O. Marmoristas	5$000
Lista a cargo da U. dos Alfaiates	14$500
« « « Liga Anti-clerical	5$000
« « « S. O. de Officios Varios	$900
Antonino	$500
Total	36$300

Sahidas:

Sellos e envelopes	3$000
Entregue á commissão do C. I. P.	33$300
Total	36$300

Rio, 17 de Setembro de 1915.

A. F. Moreira

Pequenas noticias

CENTRO COSMOPOLITA — Antehontem, terça-feira, realizou-se mais uma assembléa geral dos socios deste Centro, afim de tratar da reforma dos estatutos, etc. — Em beneficio dos cofres da associação, deve effectuar-se um festival no dia 9 de outubro proximo. Leal Junior fará uma conferencia, e varios outros dirão poesias, monologos, etc.

LIGA ANTICLERICAL — Quinta-feira passada, como estava annunciado, Astrojildo Pereira leu, perante regular concorrencia, o seu trabalho: *Cardeal, filosofo e guerreiro. Variações em torno de uma pastoral.* Outra conferencia está já marcada para o dia 10 proximo. Fal-a-á Antonio Vieira de Macedo, que escolheu para thema: *A minha duvida da existencia de Deus.* Esta, porém, não se realisará na séde da Liga e sim em Honorio Gurgel.

SYNDICATO DOS SAPATEIROS — No dia 4 de outubro dará este syndicato uma assembléa geral da classe, na qual, entre outros assumptos, se tratará da eleição de um novo thesouro.

OFFICIOS VARIOS — Uma festa, que se fará no proximo dia 3 de outubro, está sendo organizada em favor deste syndicato. Em breve publicaremos o programma da mesma, que foi cuidadosamente feito. Os bilhetes de ingresso podem ser procurados no séde do syndicato, praça Tiradentes, 71.

INDICADOR

CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRASILEIRA — Séde da secretaria: Praça Tiradentes 71 (sobrado) — Expediente: todos os dias uteis, das 20 ás 21 horas.

FEDERAÇÃO OPERARIA DO RIO DE JANEIRO — Séde da secretaria: Praça Tiranentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

Syndicatos federados:

1º. UNIÃO DOS ALFAIATES — Séde: Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

2º. SYNDICATO DOS SAPATEIROS — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

3º. LIGA FEDERAL DOS EMPREGADOS EM PADARIA — Praça Tiradendes 71 — Expediente: todos os dias, das 17 ás 21 horas.

4º. CENTRO DOS OPERARIOS MARMORISTAS — Praça Tiradentes 71 — Expediente: todos os dias, das 19 ás 20 horas.

5º. LIGA INTERNACIONAL DOS PINTORES — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

6º. SYNDICATO DOS ESTUCADORES — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

7º. SYNDICATO OPERARIO DE OFFICIOS VARIOS — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 19 ás 21 horas.

8º. SYNDICATO DOS PANIFICADORES — Praça Tiradentes 71. — Expediente: todos os dias, das 10 ás 14 horas.

9º. UNIÃO DO OPERARIOS TAMANQUEIROS — Praça Tiradentes 71. — Expediente: aos domingos, depois das 14 horas.

10.º SYNDICATO DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS — Rua da Passagem 161 — Expediente: ás quintas-feiras, das 19 ás 21 horas. Sede da Succursal: Rua Barão de Mesquita, 863 — Expediente: ás terças-feiras, das 19 ás 21 horas.

SOCIEDADE UNIÃO DOS FOGUISTAS — Rua do Hospicio 159. — Expediente: das 7 ás 21 horas — Telephone: 2744 Norte.

CENTRO DOS EMPREGADOS EM FERROVIAS — Rua do Hospicio 71.0 — Expediente: das 8 ás 21 horas. Telephone. 3253 Norte.

UNIÃO PROTECTORA DOS CATRAEIROS — Largo de S. Domingos 4 — Expediente: todos os dias, menos aos domingos, das 10 ás 18 horas.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS BARBEIROS E CABELLEIREIROS — Largo de S. Domingos 4 — Expediente: das 20 ás 21 horas.

CENTRO COSMOPOLITA — Rua do Senado 215 — Expediente: todos os dias, das 13 ás 16 horas. — Telephone: 1499 Central.

SOCIEDADE DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM TRAPICHES E CAFÉ — Rua Municipal 9. — Expediente: durante todo o dia. — Telephone: 4915 Norte.

SOCIEDADE UNIÃO DOS ESTIVADORES — Rua do Acre 19. — Expediente: durante todo o dia — Telephone: 2631 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS CARROCEIROS, COCHEIROS E CLASSES ANNEXAS — Rua Marquez de Pombal 41 — Expediente: durante todo dia — Telephone: 3101 Norte.

ASSOCIAÇÃO DOS MARINHEIROS E REMADORES — Rua Conselheiro Zacharias 66 — Expediente: todos os dias, das 7 ás 20 horas — Telephone 2296 Norte.

ASSOCIAÇÃO DE RESISTENCIA DOS TRABALHADORES EM CARVÃO E MINERAL — Avenida do Caes do Porto 851 — Expediente: durante todo o dia — Telephone 3466 Norte

CENTRO DOS CHAUFFEURS — Rua da Quitanda 6 — Expediente: durante todo o dia — Telephone: 978 Central.

CENTRO INTERNACIONAL — Avenida Men de Sá 78. — Expediente: das 14 ás 15 horas — Telephone: 2316 Central.

UNIÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DO RIO DE JANEIRO — Rua da Assembléa 71, 2. andar.

GREMIO DOS MACHINISTAS DA MARINHA CIVIL — Rua do Rosario 34.

CIRCULO DOS OPERARIOS DA UNIÃO — Rua Marechal Floriano Peixoto 18.

185
Centro Turfista
Vendem-se apostas para corridas «pari-a-la-côte» accumulações, bettings e bolos, etc
SERVIÇO RAPIDO PELO TELEPHONE
Rua do Ouvidor, 185

ALFAIATARIA
LEAL JUNIOR
Roupas sob medida
Para homens e senhoras.
Preços modicos e a prestações
Rua do Lavradio, 28
Telephone 4778 Central

Bons productos
RIO GRANDENSES
Queijos diversos typos
Salame,
Mortadella,
Presunto,
Bacon fumeiro,
Linguiça,
Carnes fumeiras,
Linguiça em lata,
Feijoada em lata,
Lingua em lata,
Patés em lata,
Cmarões em lata.
Peixes em lata,
Mate em folha,
Mate chimarão,
Mel de abelhas,
Compotas diversas,
Marmelada de "marmelo",
Figada,
Aracagada,
Peegada,
Vinho typo Bordeaux,
Vinho typo Clerete,
Vinho diversas marcas,
Vinho branco e typo Porto.
DEPOSITO: CASA RIST
Rua Sete de Setembro, 71
Teleph. 488 Central

Ser bella e Fascinante?!!
-Como?
-Simplesmente usando a JUVENTUDE-ALEXANDRE, unico restaurador dos cabellos que evita a sua quéda e a caspa.
-E quando?!!
-Já, immediatamente, compre um frasco da JUVENTUDE-ALEXANDRE, que custa apenas 3$000, e poderá ser bella e fascinar o mundo.
-E onde se vende este preparado?
— A JUVENTUDE ALEXANDRE vende-se em todas as perfumarias e drogarias.

24

que não seja a ostentação de um luxo ficticio, desorganizador de mediocres haveres, gloriola transitoria e anonyma de um dia.

Emquanto, em apparencia, a população da cidade e das ilhas se divertia, Sancho era transportado para o Hospicio de Alienados, depois de um violento accesso de *delirium tremens*.

Apezar de prever este desenlace, abalou-se-me de tal modo a sentimentalidade, que recrudesceram as manifestações da neurasthenia amollentadora de meu corpo e de minha alma, desde algum tempo.

Pobre humanidade!

Já me affeiçoara áquelle ebrio; entretinham-me durante horas as coloridas narrativas de suas viagens, de seus trabalhos; muitas vezes sua alma abriu-se-me largamente em seus profundos arcanos, nos seus abysmos de desillusões, nos seus desesperos de incomprehendido, na sua raiva impotente de amoroso.

FIM

21

pés, como são pequenas! Em que dimensões, lá das alturas, nos veriam os deuses omnipotentes, se existissem?!

Entre as brutaes demonstrações das forças naturaes, no vertice desse enorme bloco de pedra tosca, a uma distancia tão grande da planicie, cresce a admiração pelas audacias industriaes do homem moderno, que em um espaço de tempo minimo consegue realizar essa maravilha, dominando a natureza, vencendo difficuldades incalculaveis, effectuando a obra em cuja exequibilidade os nossos ancestres não acreditariam Na antiguidade, obras monumentaes, attestados perennes do engenho humano, se effectuaram para assombro da posteridade. Mas o que mais assombra são o esforço, as vidas e o consumo de seculos e seculos que exigiram essas monumentaes construcções.

O que se realiza hoje com relativa facilidade, com o dominio dos elementos, aproveitamento e direcção das forças naturaes, naquelles tempos heroicos dependeu da força muscular dos escravos.

Como está tudo alli, naquelle gigantesco emprehendimento, calculado, bem medido, bem aproveitado por essas inclassificaveis machinas, que parecem ter alma, vontade, intelligencia e discernimento, guiarem por um pensamento proprio, previdentes, cautelosas, tendo bem calculadas suas forças e empregando-as na medida de suas necessidades!

A baixo do mirante ronrona o monstro, no movimento cadenciado de mandibulas, nos eixos lubrificados das grandes rodas; no alto, tenho desejos de ajoelhar-me, como em augusto templo, e nessa posição admirar a natureza poderosa e o homem que a domina genialmente.

Eu precisava desses solavancos na alma. A degradação de Sancho me inspirava tristeza tal que me obrigava a ver nesse soldado desclassificado, corrompido pela caserna, a humanidade necessitada de conforto, de orientação na vida e de renovamento das suas instituições envelhecidas, nada garantidoras da felicidade.

Tyrannia do Calendario

Nestes dias, em que a loucura collectiva se espraia e se desmascára nos esgares do Carnaval; nestes poucos dias de sinceridade, em que a mascara da hypocrisia social é, por momentos, substituida pela caraça do folião; dias em que a maldade humana continúa, sem treguas, a causticar o proximo, comprazendo-se em denunciar e pôr á mostra a calvicie circumspecta de muitos figurões, calvicies que, olhadas de longe, são limpas e lisas, espelhantes como superficie bem zeladas de velho marfim polido, e, vistas de perto, descobrem enormes manchas sardentas, saliencias ridiculas, tumores sebaceos, lacunas de pigmentação — praças de piolhos, no dizer do Bertholdo; — nestes dias de «tam-tam» barbaresco, de «cordões», revivendo estygmas ances-

NÃO HA QUEM NÃO CONHEÇA A CASA DE LOTERIAS

A Rua do Ouvidor n. 151

De propriedade de LOPES & C.

E' a casa que mais sortes tem vendido aqui no Rio, e é preciso notar-se que não são sortes pequenas e sim grandes. Depois que se transformou de charutaria em casa de loterias, já tem esta casa vendido

CENTENAS DE CONTOS DE REIS EM PREMIOS

Ha outras no mesmo ramo de negocio que têm vendido sortes em proporção semelhante, porém não têm a seriedade que nesta se encontra nos pagamentos dos premios vendidos. Afinal, quem ahi compra bilhetes está quasi certo de tirar algum premio, por menor que seja, e de receber.

Succursaes; RUA DO OUVIDOR, 181 e RUA DA QUITANDA, 59 - C. -- **RIO DE JANEIRO**
e **Rua de S. Bento n. 126 -- S. PAULO.**

LIVROS

SOCIOLOGIA, ARTE, SCIENCIA E LITERATURA, ETC.

As pessôas, tanto desta capital como do interior, que desejarem adquirir livros, jornaes, revistas, etc. em varias linguas, podem fazer as requisições acompanhadas das respectivas importancias, que serão promptamente attendidas.

Fornecem-se catalogos

Pedidos a Nilo Ferreira
Caixa postal, 1936 - Rio

CLINICA MEDICA

DO

DR. ARTHUR DE VASCONCELLOS

SYPHILIS

(914-606)

Das 3 ás 5 da tarde — Rua do Rosario, n. 85.

COLLEGIO NACIONAL

R. FIGUEIREDO MAGALHÃES, 42

COPACABANA

CURSO COMMERCIAL

Curso nocturno e diurno

RUA DO ROSARIO, 170
1º ANDAR

A collecção dos 10 primeiros numeros de "Na Barricada", nesta redacção ou pelo correio, a 2.000 reis.

Para incommodos de Senhoras

A SAUDE DA MULHER

Poucas colheres alliviam
Poucos frascos curam:

Flores Brancas

Incommodos da edade critica.
Regras dolorosas.
Colicas uterinas.
Inflammação do utero.
Hemorrhagias.
Suspensão.

Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

A FELICIDADE DE NOSSO LAR

está no uso constante dos primorosos licores, vinhos de fructas, xaropes, fructas crystallisadas e em compota, geléas geleadas, marmelada, goiabada, bananada e laranjada

MARCA DA FABRICA

USINA SÃO GONÇALO

a unica fabrica de doces e bebidas que não teme a concurrencia dos productos extrangeiros ou nacionaes, apezar de todos os seus productos serem genuinamente nacionaes

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DE DOCES, BEBIDAS E ARMAZENS DE MOLHADOS E NO DEPOSITO E ESCRIPTORIO A' RUA S. JOSE, 57 — TELEPHONE CENTRAL 4475

G. SEABRA

22

traes nos deslocamentos macabros das articulações, no batuque do "candomblê"; nestes loucos dias, em que dominam os "moços bonitos", audazes conquistadores, como encontrar assumpto para estas linhas, fóra do Carnaval? Estes pobres escriptos não têm norte politico, nem rumo certo, nem assumptos fixos; vão ao sabor da maré, velejando ao acaso, sem róta e sem bussola O Carnaval tirou lhes todos os assumptos.

Como se póde fixar época para estar alegre; como se póde determinar semana para tristezas e lamentações universaes, sem se exigir, implicitamente, prazeres de tabella, luto de convenção, lagrimas de encommenda, hypocritas explorações de festivas gargalhadas, convencionaes crépes de acabrunhamento e de pezar?

O calendario, com suas observações bem assignaladas, as folhinhas, com sua inflexivel tabella de dias uteis e dias de repouso, fixando o cansaço regimental e a operosidade compulsoria, sempre me pareceram tyrannicos e cerceadores de minha liberdade

Nunca me afiz a normas pre-estabelecidas, nunca me sujeitei ao despotismo dos horarios de qualquer especie. Os horarios de estradas de ferro, necessarios ao bom andamento e á regularidade do trafego, foram sempre, para mim, dictatoriaes e coercitivos, limitadores de minha liberdade de locomoção; a elles me sujeitei, protestando sempre, vehemente e tacitamente

Não choro ou rio em dias certos do anno, préviamente determinados de accordo com as phases da lua ou com as festas da Egreja ou do Patriotismo. A intervenção das phases da lua e da succession das estações tem sua razão de ser nas festas pagãs e nos cultos á natureza. Comprehende-se a belleza symbolica das festas de Persephone, dos mysterios de Eleusis, da festa do arroz no Ceylão, da festa dos grãos no Japão, da festa da primavera na China, etc

Sente-se o encanto do tropear de elephantes ajaezados, marchando e agitando os tecidos de ouro e purpura com que os cobrem, pisando um chão tapizado de jasmin, nas festas budhicas do Ceylão; comprehende-se a intenção do ritual dessas manifestações religiosas, celebrando as colheitas, santificando as vindimas, perfumando os caminhos com as flores do campo, atroando os ares com a musica selvagem dos tamborins, agitando o povo com as danças sagradas, executadas por corpos jovens e ageis.

As festas dionysiacas, as saturnaes deturpando-lhes o sentido elevado de rito religioso, transformando-as em infrenes e orgiacas bacchanaes, tinham explicações na natureza dos cultos, nos symbolos que representavam. Celebravam-se os dons opimos da terra, os phenomenos naturaes, as estações, os dias e as noites, os mysterios da creação, a morte e a ressureição de Osiris, rejuvenescido no culto do Sol, transformação de antigas religiões, de que deveriam sahir as sumptuosidades da mythologia grego-

23

romana e alguma cousa de lithurgia catholica e das ceremonias cultuaes de Byzancio. Até o sanguinolento culto de Shiva e suas processionaes cruezas têm sua interpretação

A poetica festa da Primavera, na China, com a caça das borboletas captivas, a festa dos crysanthemos no Japão, que encanto adoravel têm!

Os jogos carnavalescos, com o luxo exhibicionista de algumas cidades da Italia, perderam toda a significação symbolica, mixto de festas mundiaes, adaptação de cultos ruidosos e africanismos de danças sensuaes e comiciaes, e nenhum encanto esthetico têm para mim

Meu humor, bom ou máo, não se póde regular por tabellas prefixadas; ha de depender do estado physiologico do meu "eu", da irritabilidade ou acalmia de meus nervos; depende, como o de toda a gente, da alimentação, do ar que respiro, dos accidentes da vida. Para se ficar alegre em epoca decretada, é necessario forçar a indole, e, como faz a maioria dos carnavalescos, por falso requinte de civilização, recorrer aos excitantes de toda a especie — mulheres, alcool, musica, flammulas, "tam-tam" atordoador, contagio, atrito, exhalações da multidão inconsciente.

Quanto custam algumas horas de allucinação esperada, preparada, estudada, desejada, sabem os orçamentos, em alguns segundos desequilibrados por um anno, e os pés de meia esvasiando, em algumas horas, todo o esforço economico de usurario, todas as gôtas acidas de suor de um anno inteiro de santo labor.

Fóra desta inexplicavel festa, que dizem ser da grande predilecção do cosmopolitismo fluminense fóra deste barbaresco ribombar dos cordões, do estridente assobio do caboclo, do ranger aspero do "canzá", da exhibição pagã de fórmas femininas, da embriaguez das bebidas excitantes, das allucinações provocadas por pulverisações incessantes de etheres e de perfumes; não se comprehendem outras preoccupações.

Férias na loquacidade parlamentar; eclipsar dos provincianos paes da patria, que foram veranear sua importancia, nas cidades serranas, nas praias de elegancias, nas capitaes longinquas dos Estados, cegando, com a luz brilhante de suas carreiras, os bisonhos chefes locaes; treguas ás touradas e aos pégas das Camaras, onde, a sôco e a revolver, se resolvem as graves questões da administração publica, reduzem os assumptos a casos policiaes e ás questões nada interessantes da primazia dos clubs carnavalescos, aos accidentes dos premios com que os jornaes diarios attrahem leitores.

As "sociedades" passam, exhibindo carnações remoçadas á custa de camadas e camadas de carmim e "cold-cream", apotheoses de sarrafos e lantejoulas rolantes, sorrisos alfinetados em faces rubicundas, beijos atirados nas pontas dos dedos enluvados, sem nada exprimirem de symbolico, sem outra significação

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Companhia de Loterias Nacionaes do Brazil

Extracções publicas sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 1|2 horas e aos sabbados ás 3 horas á rua Visconde de Itaborahy n. 45

SABBADO, 2 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 36.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

SABBADO, 9 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 335 — 1.ª

200:000$000 — 50:000$000 — 50:000$000

Inteiros em meios 15$400 — Inteiros em vigesimos 16$000 — Vigesimos $800

SABBADO, 16 DE OUTUBRO

A's 3 horas da tarde — 309 — 37.ª

50:000$000

Inteiros 4$000 — Quintos a $800

N. B. — Os premios superiores a 200$ estão sujeitos ao desconto de 5 %.
Os pedidos de bilhetes do interior devem ser acompanhados de mais 500 réis para o porte do Correio e dirigidos aos agentes geraes NAZARETH & C., rua do Ouvidor n. 94 Caixa n. 817 Teleg. LUSVEL e na casa F. Guimarães, Rosario 71 esquina do Becco das Cancellas, Caixa do Correio n. 1273.